

O processo da reparação na dinâmica transferência-contratransferência^[1]

Eva Maria Migliavacca^[2]

RESUMO: Este trabalho contém um relato clínico de uma análise na qual predominou o desenvolvimento do processo de reparação, intensamente vivido pelo par analítico no âmbito da transferência. A elaboração de conflitos e desencontros entre analista e paciente possibilitou um ajuste emocional do par analítico, de tal modo que se criou um vínculo de confiança suficiente e necessário para aprofundar a análise. Incluem-se reflexões teóricas e algumas hipóteses, entre as quais a do mito pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: reparação, elaboração, mito pessoal, psicanálise, transferência-contratransferência

1. Este trabalho deve ser lido como um texto que trata de fenômenos psíquicos calcados na clínica, e não contém dados ou a reprodução literal de falas ou informações que ofendam o sigilo profissional, pelo qual a autora assume inteira responsabilidade. Vale ressaltar a peculiar característica da escrita psicanalítica no que diz respeito a relatos clínicos, nos quais a narração da experiência expressa a elaboração do material já realizada pela autora/analista. Isso aproxima-se, nesse aspecto, de uma escrita ficcional/literária, afastando-se de um relato factual. Assim, o presente artigo deve ser lido como um texto que trata de fenômenos psíquicos calcados na clínica a partir de uma elaboração secundária daquilo que ocorreu na sessão/campo transferencial, sendo os dados tratados de forma tanto a garantir o sigilo ético profissional quanto o aproveitamento como fonte de reflexão sobre a prática profissional dos analistas.

2. Psicóloga e psicanalista. Membro efetivo com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Este é um trabalho essencialmente clínico. Vivi e acompanhei a experiência longa e penosa de uma paciente que precisou encontrar equilíbrio psíquico suficiente para dar lugar ao processo de *reparação*. Se ela encontrou o caminho para o equilíbrio por meio da reparação ou se foi o inverso, ou mesmo se foi um processo simultâneo, é uma reflexão inconclusa que espero estar incluída neste texto.

Apresentarei parte dessa análise com o intuito de transmitir a dinâmica do relacionamento entre nós duas, assim como o clima emocional no qual o trabalho transcorria. Pretendo também me deter em algumas das experiências significativas de sua história que revelam muito da sua vida psíquica. Mesmo ao custo de interferir numa leitura mais fluida, pretendo permear o relato clínico com componentes da teoria psicanalítica que, penso, descrevem conceitualmente, ainda que de modo parcial, aqueles aspectos da experiência com Jane, além de reflexões conceituais no fim do texto.

Os conceitos teóricos contêm realidade por nascerem da experiência clínica de quem os concebe e por encontrarem confirmação na clínica de psicanalistas que os incluem em seu arcabouço metodológico. A existência de um corpus teórico organizado permite que analistas transitem em um terreno comum e possam trocar ideias, conversar em reuniões, pensar e repensar suas experiências e comunicá-las a outros, publicando artigos e livros.

No entanto, a clínica não se dá no terreno comum a todos, ela acontece naquilo que é o não comum. O não comum está na dinâmica psíquica daquela pessoa específica e na relação desta com quem a analisa, que é única e impossível de ser reproduzida ou comunicada como de fato se deu. Pode-se, por exemplo, ter clareza daquilo a que se refere o termo “transferência” desde como definido por Freud (1912/1969b). Entretanto, a organização da dinâmica transferencial com cada analisando tem suas particularidades. As teorias servem bem aos analistas. Dão suporte e fundamentam a metodologia e a técnica. Mas é nas particularidades que a clínica se dá. Daí a importância do campo mental não saturado, expansão feita por Bion (1992/2000a) da proposta freudiana de atenção temporariamente suspensa (Freud, 1912/1996b).

Jane

Quando Jane chegou a mim, estava profundamente desesperançada, mas ainda “queria experimentar a psicanálise”, como disse. No entanto, era nítida sua descrença de que pudesse minorar seu desespero e sofrimento; ainda estava em busca de esperança, mesmo sem ter clareza disso.

Ela entra na sala contornando a parede arredondada, mantendo-se de frente para mim, olhando-me no rosto e nos olhos. Dirige-se à cadeira e se senta sem nunca me dar as costas. Esse modo de chegar aconteceu desde o primeiro encontro e se manteve por muito tempo. Seus gestos eram comedidos, represados em um corpo que se movia quase em bloco, sem desenvoltura. Desde o início ela se revelou extremamente sensível à minha maneira de falar com ela, mais até do que ao que eu

Ihe dizia. Seu olhar era sempre inquiridor, como se quisesse perfurar minha mente e descobrir qual era minha disposição para com ela; assim era durante toda a sessão. No geral, minha sensação era a de pisar em ovos. Assim foi durante muito tempo de modo acentuado e, após anos de análise, de modo mais suave; perdurou, porém, até o fim.

Meu sentimento era de que ela tinha receio de que eu a atacasse pelas costas, que Ihe desse um soco ou enterrasse uma faca em sua nuca. Sentava-se à minha frente, de olho em mim, alerta e vigilante. Não interpretei explicitamente esse movimento, supus não ser um bom caminho. Fomos trabalhando de tal forma que esse estado vigilante diminuiu a ponto de podermos falar sobre seu medo e ódio, em uma conversa reflexiva. Foi necessário construir um relacionamento de confiança suficiente para podermos então abordar esse ponto sem que ela entendesse como acusação ou insatisfação de minha parte. Havia um conteúdo armazenado por muitos anos em sua mente, que sustentava e justificava aquele modo de sentir e agir. Tivemos que ultrapassá-lo para navegar em águas mais amistosas.

Esses elementos fundamentam a suposição de um estado de angústia persecutória acentuada. Ou seja, uma condição mental de muito sofrimento e medo de ser atacada ou ofendida em sua sensibilidade. Cabe o conceito de identificação projetiva (Klein, 1946/1991), que pressupõe a fantasia de que o objeto externo corresponde àquilo que se atribui a ele, no caso uma hostilidade dissimulada, sobre a qual ela precisava manter vigilância para não ser surpreendida. Abrange o elemento comunicativo (Bion, 1989), pois a paciente conseguia me fazer compreender muito claramente como ela se sentia sem usar palavras. Não eram apenas seus movimentos visíveis, mas também uma sensação de que era necessário prudência e atenção acentuada a tudo o que acontecia no ambiente. O gesto da entrada na sala foi apenas o começo. Eu tive que me haver com a necessidade de me discriminar de suas projeções sem rejeitá-las, o que teria sido ainda mais desastroso. No entanto, penso que esses conceitos não circunscrevem inteiramente aquela condição mental. Espero que isso fique mais claro ao longo do texto.

Aprendi, com a prática clínica, o quanto é contraproducente interpretar diretamente a persecutoriedade de alguém dominado por essas angústias – e isso não constitui novidade para qualquer analista com um mínimo de experiência. Enquanto eu não conseguia encontrar uma brecha, minha resposta era esperar e acompanhá-la. O campo era vasto e incerto, extremamente fluido.

Com frequência permanecia em silêncio, olhando para algum ponto no chão. Parecia concentrada em seus pensamentos ou em organizá-los. Em geral, eu esperava até ela falar alguma coisa. De vez em quando, eu dizia algo que supunha ser um estímulo para ela pôr em palavras o que se passava. Às vezes, ela correspondia. Parecia esperar um sinal meu; disse-Ihe isso. Contudo, apesar de reconhecer e até concordar, o tema não foi adiante. Não ia. Não era uma questão importante para ela naquele instante.

Ela estava ocupada com seu abismo interior, que se caracterizava pela total descrença de que pudesse vir a sentir-se melhor consigo mesma, o que influenciava toda sua vida. Eu disse algo a esse respeito, mais ou menos assim: “Você parece não ter qualquer esperança. Está muito infeliz e se sente muito mal-colocada no mundo”. Ela declara sempre ter se sentido assim e não acreditar em mudança. Sua voz saía impregnada de desespero, entrecortada, estrangulada, como se arrancasse as palavras de dentro de si. Desacreditava que pudesse se inserir de modo mais confortável dentro da própria pele e nos ambientes em que vivia, familiar ou profissional.

Ela descreve experiências terapêuticas anteriores como precárias. Além disso, procurou tratamentos alternativos, dos quais extraiu algum benefício, mas insuficiente. Por que me procurou? Procurou análise porque, disse ela, “talvez me ajude, porque eu já tentei muitas outras coisas. E eu não sei mais o que fazer”. O que era real? Jane tivera recentemente uma experiência conflituosa em seu trabalho, que a levou a uma perda do equilíbrio emocional. Foi por ocasião dessa crise, contada aos poucos, que me procurou.

Durante uns bons anos permaneceu sentada, quase imóvel. Seu rosto aparecia congestionado, os olhos brilhantes, corpo esguio, cabelos finos e delicados; parecia querer se esconder, mas me olhava ao falar e ao me ouvir. Muitas contradições.

Quando se deitou, mudou a dinâmica. Foi notável. Ela passou a falar com mais desenvoltura e sem aquela espera e silêncio anteriores. Eu sugeri o divã. Na primeira vez, logo no início, ela simplesmente ignorou minha sugestão, aliás, precipitada. Na segunda, anos depois, aceitou sem contestação ou comentário. Simplesmente se levantou da poltrona, deitou-se, e assim passou a ser daquele dia em diante. Deve ter se deitado quando sentiu que dava para fazer isso. Tantos silêncios cheios de significados. Tantas palavras inúteis.

E eu

Como eu me sentia na sessão? Aprendi a estar com ela como era possível, aos poucos diminuindo a tensão até se instaurar a naturalidade no encontro, que aconteceu a partir do momento em que a aceitei. Com muitos pacientes essa aceitação é praticamente espontânea e natural. Com ela foi um processo de aprendizagem. Eu aprendi a me adaptar às possibilidades dela ponto a ponto – ou sessão a sessão. Apesar do seu sofrimento, acredito que pude também compreender a suposta incapacidade de sua terapeuta anterior em acolhê-la. Jane demandava muito e pesadamente. Eu precisava ser muito cuidadosa na escolha dos termos que usava e no tom de voz, sempre em risco de desencadear uma reação hostil. Era uma hostilidade menos agressiva e mais impregnada de uma dor lancinante, que fazia com que me sentisse cruel e insensível. Qualquer palavra que soasse como mais dura, ainda que eu nem de longe tivesse tal intenção, provocava uma reação emocional e física: ela apertava as mãos, a respiração mudava, contorcia o corpo e seus olhos se enchiam de lágrimas.

Naqueles momentos, eu me sentia invadida por sentimentos contraditórios. De um lado, uma urgência em dizer algo que corrigisse seja lá o que for que eu tinha feito; de outro, sua reação me parecia absurdamente excessiva, ainda que não forçada. Eu ficava em terreno de grande incerteza. Parecia-me que eu estava à beira de um abismo, junto com ela, estendendo os braços para um nada que não propiciava apoio. Eu exigia de mim mesma tomar uma providência urgente para restaurar o equilíbrio. Ao mesmo tempo, curiosamente, eu me sentia calma. Uma área de minha condição emocional ficava preservada. Eu via Jane, percebia-a em seu sofrimento, captava sua dor, mas mantinha a capacidade de conversar com ela sem ficar invadida por seu mar atormentado. É difícil expressar esse tipo de vivência em palavras. Ao mesmo tempo que a angústia presente era muito nítida e eu me via dentro dela, também não perdia meu norte. Nunca fiquei propriamente inundada por seu sofrimento. Algo em mim ficava em área preservada. Credito a esse espaço interno qualquer capacidade de analisá-la que eu tenha tido.

Havia entre nós, portanto, um caldo denso e intenso no qual se misturavam a dinâmica transferência-contratransferência e intenso uso de identificação projetiva. Muitas vezes não consegui discriminar; eu me conduzia pelo faro, às vezes captando a necessidade dela, outras vezes passando bem ao largo. A meu ver, a experiência do analista em análise nunca é simples, e não há um único conceito que a defina ou englobe totalmente. O corpus conceitual oferece algumas sugestões. Por exemplo, Freud (1912/1969a) destaca a importância da comunicação de inconsciente para inconsciente e inaugura a atenção flutuante como pilar metodológico. Bion (1992/2000a), que expande e detalha a atenção flutuante com a descrição de estado mental não saturado, nomeia ainda a função alfa, imprescindível para o ofício de analisar; a *rêverie*, como metabolização de conteúdos intoleráveis para virem a ser incluídos pelo paciente; a tolerância com o desconhecido e o incerto. Winnicott (1954/1978) concebe o *holding*, condição fundamental para o contato com o a mente do analisando, além de acentuar o valor do manejo como elemento técnico. Seria aquela área mental minha, que eu reputo preservada, o ambiente interno necessário para que tais competências tivessem algum espaço para existir? Foi a dinâmica descrita naqueles conceitos que me auxiliaram, ainda que em parte? E estavam também presentes a dúvida, o caminhar no escuro, reações contratransferenciais não identificadas, aspectos da minha personalidade reconhecidos ou não, elementos inarredáveis que me acompanharam o tempo todo. Por mais que se discuta esse ponto, apenas tocamos “a fímbria de um assunto imensamente complicado”, como diz Money-Kyrle (1978/1996, p. 358). Ao fim, penso que todos esses conceitos e outros mais pressupõem a continência do analista para com tudo aquilo que se desencadeia em seu íntimo.

Nós e alguns nós

Houve uma sessão em que sua angústia atingiu um grau tão elevado que ela teve uma reação corporal mais forte. Agora tem pouca importância o conteúdo

do que estávamos conversando, um tanto vago em minha lembrança; ficou mais presente o que se seguiu. Assinalo, sim, que devo ter feito uma formulação equivocada. Ela deve ter captado algum vislumbre de intolerância de minha parte, o que é bem plausível. Ela quis dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Ela se levantou e teve o que se poderia chamar de descarga motora, com movimentos convulsivos. Sem pensar, eu me levantei e a segurei firme. (Lembra-me de cenas em que um bebê começa a agitar as mãozinhas no ar e só se acalma ao encontrar a mão de um adulto que as pega e lhe dá uma referência de que existe algo concreto e bem-definido no mundo desconhecido.)

Quando ela parou de tremer, perguntei se podia se sentar. Disse que sim. Esperei, e ela disse que se sentia sufocada, que já tivera essa sensação muitas vezes e sofria muito, como agora. Não lembra direito, mas aconteceu várias vezes e era um desespero. Diz que se sentia deslocada em qualquer lugar, sem amigos, e que sofreu muito no período escolar. Chora um choro estrangulado, que ilustrava bem seu estado interior.

Então, aos poucos, falei que parecia que aquilo que eu lhe dissera tinha desencadeado o sofrimento. Que se sentiu de algum modo maltratada por mim, a dor e o ódio foram muito grandes, e ela reagiu. Continuei falando que o sufoco era a impossibilidade de se movimentar livremente, inclusive para protestar quando eu dizia coisas inadequadas, e ela reviveu comigo a sensação de rejeição que experimentou tantas vezes. Jane vai concordando, com soluços curtos. Às vezes me olhava meio furtiva. Disse ainda que ela parece ter sentido que eu também não lhe queria bem e não a aceitava. Ela acena a cabeça com vigor. Diz que sentiu que eu não tinha entendido nada e que eu achava que ela era uma errada. Eu falei que ela tinha razão, que eu não tinha entendido nada, mas que se havia alguém errada naquela sessão esse alguém era eu. Que ela sentia ser uma errada e, se eu a visse da mesma forma, entraríamos numa situação sem saída. Acrescentei que, mesmo sem acreditar, sempre poderíamos conversar como estávamos fazendo. Que eu errava, sim, pisava no tomate com ela, mas não tinha problema em admitir isso e estava interessada em ouvi-la. Conversamos até chegar a um reajuste.

Eu de fato acredito que as experiências íntimas, dores, temores, quando postos em palavras, adquirem um caráter mais ameno. Perdem seu poder paralisante. Podem ser examinados e processados em um plano mais amistoso, menos superegoico. Se há uma interlocução sem censura, começa um processo de aceitação e, mais à frente, de possível reparação. E a partir do momento em que comecei a verbalizar minhas deficiências em compreendê-la, as coisas ficaram um pouco mais fáceis para ambas. Certo grau de tensão sempre esteve presente, porém.

O que aconteceu comigo quando me levantei e a segurei, algo inusual em minha clínica? Fui alvo ou depositária de seu desespero. Qual o fenômeno mental que se deu? Seria minha reação uma interpretação não verbal, instintiva mesmo, que teve sua eficácia naquele instante, restaurando equilíbrio suficiente/necessário para

prossequirmos? Será que ela sentiu que eu não temia tanto quanto ela e conseguia suportar o ódio explosivo constrangido pelo sufoco? Eu não pensei nada disso naquele instante: apenas reagi. De algum modo, parece que ela se sentiu aceita.

Em trabalho publicado (De Cicco & Migliavacca, 2016), discutimos a questão do corpo como veículo de comunicação e contato. Tema de interesse de analistas, várias publicações têm se ocupado com esse notável fenômeno: o corpo ocupa o lugar daquilo que não encontra outro veículo de expressão ou de comunicação. A necessidade de manifestar um sentimento que não consegue ser nomeado leva a pessoa a usar seja lá o que for que estiver disponível e, se for o corpo, que o seja. A alternativa seria talvez um afogamento fatal.

Na vida

Após alguns anos em análise, Jane passou em concurso para professora em escola de prestígio. Foi um grande passo ter obtido essa nova colocação. Afirmou de modo consistente muito da autoestima da qual carecia. Discretamente, admitia a satisfação pelo feito.

Como professora, dedicava-se a preparar as aulas e a prever questões dos alunos. Com muito esforço, sobreviveu a dois ou três semestres, descobrindo-se mais capaz do que supunha. As dúvidas não eram em relação à competência profissional, mas sim aos relacionamentos. Relatou situações que me fazem concluir que os alunos a respeitavam pelo interesse e seriedade com que conduzia as aulas. Ainda assim, sofria muita ansiedade de ser aceita e não criticada. Após algum tempo, contou que observara uma coisa que considerou nova: corrigia as provas dos alunos sem se preocupar com a opinião deles a respeito dela, mas sim interessada em identificar as dificuldades deles. Deu-se conta desse fato e sentiu-se leve e aliviada. Contou, como sempre, pausadamente, às vezes titubeante, como se precisasse pensar que palavras usar, num modo de expressar difícil de reproduzir.

Primeiro assinalei o fato de ela ter percebido que seus alunos tinham dificuldades reais. A preocupação com a opinião deles a seu respeito não estava mais no centro. Depois, o alívio que sentiu por se libertar de uma interpretação negativa a respeito de si mesma assim como dos alunos, de modo natural, a partir da presença emocional naquela experiência que me relatava. Esses dois pontos fecundaram o campo. A conversa se expandiu para outras situações de vida. Foi como uma porta que se abriu. Ao mesmo tempo, fez com que eu pensasse como o trabalho analítico é realmente uma atividade semelhante à da formiguinha.

A par disso, a relação comigo também se modificou. Qualquer escorregadela minha derrubava a confiança de modo dramático; só que aos poucos aprendi a ser mais rápida na recuperação e na recolocação dos pilares de nosso trabalho, de tal forma que ele se mantinha. Mesmo que não fosse muito claro para mim o que realmente tinha acontecido ou o que eu tinha dito, passei a primeiro ajudá-la a recuperar a estabilidade do vínculo amoroso entre nós, para depois examinar os diferentes

elementos perturbadores. Primeiro eu tinha de reconhecer minha aspereza e jamais desqualificar o que ela sentia. Só então era possível reexaminar a questão e abordar o excesso de suscetibilidade dela, abrindo caminho para alguma associação. Mais ou menos assim, pois esses movimentos se dão sempre de forma concomitante, diferente do que se consegue, ou do que eu consigo, transmitir na escrita.

O melhor de tudo é que ela também reforçou sua capacidade de recuperação, que ficou mais rápida. Ela se tornou capaz de reclamar comigo de modo mais agressivo, em vez de se entregar ao desespero. Foi criando uma pele mais firme, menos vulnerável. Aprendeu a admitir que quase invariavelmente entendia as coisas numa perspectiva negativa e cheia de censura, deixando pouco espaço para a dúvida. Esse movimento facilitou meu trabalho com ela, pois também pude relaxar um pouco. Contava mais com os recursos de tolerância de Jane e com sua capacidade de ser resiliente. Era evidente que caminhávamos juntas. Não foi uma mudança linear e definitiva. Retrocessos aconteceram, mas as bases para uma nova relação consigo mesma e com os outros já tinham sido fincadas.

Jane e os pais

A fonte do drama maior de Jane, porém, era anterior à minha presença em sua vida. A confiança em minha disposição positiva para com ela foi necessária para que entrasse naquela que talvez tenha sido a questão central que motivou a procura por ajuda de tantas formas como ela o fez. Precisei trabalhar minha aceitação dessa moça altamente suscetível a qualquer sinal passível de ser interpretado como rejeição. Não que esses sentimentos não tenham tido seu lugar em mim, porque tiveram. Aprendi, porém, a abrir espaço para Jane, como ela podia ser e era; sem isso, talvez, a análise não teria vingado. Isso pavimentou o caminho para reavaliar aquilo que era mais importante para ela. A relação com a analista objeto externo real proporcionou a ela um modelo para tal exame. Ou seja, tudo o que apresentei até agora mostra o que brotava do terreno, mas não era o terreno mesmo. O solo de onde tudo nascia ainda não havia sido atingido, apenas arranhado. Essa questão se expandiu enormemente a partir do momento glorioso em que Jane passou a se deitar no divã. Acredito, aliás, que ela só se deitou após ter intuído ou apreendido que havia condições entre nós para o enfrentamento daquilo que nunca fora encarado antes.

O relacionamento com os pais sempre esteve de alguma forma presente em nossas conversas, mas não passava do nível de prenúncio. Ficava evidente para mim que havia muitos conflitos, mas eles não eram nem expandidos nem objeto de escrutínio mais detalhado.

Seus pais eram idosos, Jane também já não era uma menina. A relação era tensa e frustrante. Ela se queixava doloridamente da ausência de afeto dos pais. Acusava-os de indiferença para com seus sentimentos. A sensação de distanciamento era nítida, e lhe doía não encontrar neles qualquer ressonância para seus anseios. As bases dessa relação interferiam em toda sua vida.

Jane tinha grande resistência a participar de encontros sociais. Exploramos as dificuldades até que ela me contou uma vivência recorrente. Quando conversava em um grupo misto, era quase imediato o terror de ser hostilizada por uma figura feminina. Ela se paralisava, gaguejava, travava, e a conversa morria. Argumentos racionais não evitavam sua reação. Evidente que este era um campo de mundo interno. Quando eu disse que ser atacada significava ser importante para a outra pessoa, ela se abriu para uma lembrança-associação esclarecedora.

Contou que teve muita dificuldade de se adaptar na escola. Não suportava ficar longe dos pais, cuja paciência se esgotou bem cedo. Um dia em que chorava e esperneava, levou uma surra da mãe, que a emudeceu. O pai não interferiu. Aconteceu só uma vez, mas esse foi o ponto em que o rumo do navio se alterou. Desde então, seu comportamento mudou, passou a ser obediente. Nunca mais se falou, disse ela, a respeito dessa ocasião, mas também nunca mais conseguiu abrir caminho para uma relação franca com os pais. Instalaram-se ressentimento e rancor fortes e firmes contra ambos, que a acompanharam vida afora.

Desde pequena, portanto e ao que parece, já se manifestavam indícios de sua exigência por atenção, por inclusão, a solicitação contínua por ser confirmada na sua importância, a luta contra sentimentos de exclusão e de rejeição. Contou ainda outras situações de desencontro e desentendimento durante a infância e a adolescência que a marcaram e a fizeram distanciar-se cada vez mais dos pais.

Examinamos aquelas cenas. Quando supõe que ameaça a relação do casal, que sua presença e desejo não são indiferentes para o outro, mas podem desencadear agressividade e hostilidade, até um ataque franco, ela fica em um lugar de grande importância. Ela não é vista com indiferença, mas sim como alguém muito significativo. Pode até apanhar por isso, mas pelo menos é percebida e valorizada. E isso é o mais importante. Quando foge ao ser invadida por pensamentos de ataque por parte do outro, esconde de si mesma aquele forte desejo de ocupar o lugar central. Não suporta ver o quanto sua voracidade e anseio por ser notada e valorizada a devoram por dentro. À medida que conversamos sobre tudo isso e identificamos seus anseios, sentimentos e temores, ela vai se acalmando, refletindo, pensando. Foi libertador. Ela nunca tinha me olhado tão luminosamente nos olhos quanto depois dessa sessão. Eu nunca a tinha visto sair tão aliviada de uma sessão.

Essas experiências indicam perturbações na área edípica, mas nos seus primórdios. A experiência edípica na sua plenitude pressupõe um grau de maturidade psicológica maior, uma mente mais complexa na qual já se encontra instalada a confiança de ser alguém digno de ser amado e de reivindicar o amor do pai ou da mãe.

Trocando em miúdos: há suficiente coesão interna e confiança para exigir do ser amado a exclusividade do amor; pode-se reconhecer o sentimento que existe entre o casal, do qual se sente excluído; já existe a internalização do bom objeto; consegue-se dar vazão ao ciúme que exige e impõe; há suficiente segurança para hostilizar aquele que é sentido como ameaça; suportam-se suficientemente as

torturas do conflito, o medo de retaliação, a ambivalência em relação ao rival – enfim, Complexo de Édipo requer uma condição mental sofisticada, própria da posição depressiva. Nela, era incipiente e ainda fragmentado. Não que as dores edípicas primordiais sejam menores ou menos intensas, mas, para o Édipo no seu todo, já existe uma base constituída.

As experiências de Jane pertencem a estados mentais anteriores, vitais para o equilíbrio psíquico ainda por se constituir com mais consistência. Seu terror não se calcava em rivalidade ou em desejos de amor exclusivo, ou mesmo nas dores do ciúme e da posse; ela temia solidão e abandono afetivo. Reivindicar ser atendida era urgente; porém, ser atendida pelos pais era uma impossibilidade. Ela cresceu com essa convicção. Ainda que também houvesse ataque ao casal parental, prevalecia o anseio de fundir-se e ser um com ele. Não houve espaço e condições para que tal anseio fosse absorvido e superado. Houve, sim, uma repressão brutal e efetiva, que bloqueou qualquer movimento transformador, sugerindo uma aridez afetiva que chocou fortemente a sensibilidade da menina que ela foi e que nunca se curou da dor original. Jane ficou como uma carroça permanentemente atolada num pântano.

Bion (1992/2000b) comenta que, quando a criança idealiza os pais por desespero, provavelmente carece da capacidade para afeição, mas tem uma enorme voracidade por recebê-la. Se os pais não compreendem ou não percebem nem têm condições de corresponder à extensão da necessidade da criança e recusam sua solicitação ou investidas, seu desespero só aumenta. Por conseguinte, inveja e ódio dos pais, fantasias cobiçosas a respeito da relação sexual do casal, desejo de se imiscuir e impedir o intercurso entre eles – tudo isso também estava presente em Jane. Naquela ocasião, porém, o essencial foi reconhecer a enorme e devoradora ânsia por ser amada, incluída, reconhecida, benquista.

Suponho que a gradativa evolução no relacionamento comigo ajudou-a a permitir que viesse à tona o antigo anseio pelo amor dos pais e que ela começasse a se empenhar em aproximar-se deles. Foi maravilhoso, para mim, acompanhar Jane nesse caminho. Fui a testemunha privilegiada de um processo de profundo e decisivo alcance na vida dessa mulher.

Ela passou a lutar pelo amor deles com outros recursos que não os da simples exigência da mente infantil. Passou a considerar o que ela poderia fazer por eles. Começou a aproximar-se e a se interessar pelo que se passava com eles, suas condições de vida, de saúde e de conforto. Aos poucos foi diferenciando os conflitos com o pai daqueles com a mãe. Eles deixaram de ser uma entidade só e passaram a ser dois separados. De início ela falava nos pais; depois mudou para falar do pai ou da mãe.

Relata que a mãe tinha limitações físicas, mas não dispensava cuidados com a aparência. Antes irritada, Jane passou a achar graça nessa característica e começou a ajudá-la a se cuidar, dando atenção aos caprichos da mãe já idosa. Desenvolveram intimidade suficiente para conversarem sobre suas limitações, a ponto de pensarem juntas em alternativas para estabilizar sua saúde.

Da mesma forma com o pai, a quem ela descreve como um homem teimoso, incapaz de aceitar as limitações da idade e adaptar-se a elas. Passou a considerar seus problemas de saúde. Assim, tiveram tempo para conversar e se aproximar. Para ela, foi a glória um dia em que o pai a abraçou na despedida. Fez grande esforço para não chorar na hora, pois “meu pai não ia entender nada”. Chorou depois, porém.

Tornou-se uma filha cada vez mais presente, encontrando correspondência neles e maior proximidade. De um lado ficava feliz, de outro sentia dor e raiva, porque “eles não se interessam em saber como eu estou!” Essa queixa, porém, deixou de ser carregada da antiga dor avassaladora e passou a ser impregnada de raiva e indignação, que deixavam um rastro mais leve.

A par das atitudes práticas, o emaranhado de seus sentimentos – alguns silenciosos – ocupou as sessões de modo intenso. Usufruí de secreta satisfação quando saía para alguma tarefa só com o pai. Sentia-se importante, necessária, sem a presença da mãe. Era como saborear o fruto proibido às escondidas, sem nunca admitir. Era prazeroso e culposo ao mesmo tempo. Essa vivência num plano íntimo, que ela compartilhava comigo, pouco ou nada interferia nos cuidados práticos para com ambos.

Naturalmente seu caminhar foi lento, entremeado de frustrações e conflitos, coalhado de rompantes de rabugice do pai, voluntarismos da mãe, lágrimas de dor e ódio de Jane; no entanto, ela queria amar e, talvez, descobrir se podia ser amada. E persistiu.

Eu testemunhei de perto, como disse, privilegiadamente, todo esse processo, do qual só consigo transmitir pálida ideia. Foi um movimento todo dela, aquele de recuperar e costurar um tecido danificado e sensível, tarefa que, para Jane, foi vital. Quando muito, consegui iluminar algum aspecto, assinalar caminhos, dar atenção ao que ela sentia, mas o movimento era todo dela. Para mim, uma experiência notável e enriquecedora ao extremo.

Reflexões posteriores

Uma das coisas que aconteceu nessa análise foi o contato com um objeto externo real, lugar que eu ocupei para Jane. Klein (1940/1996) acentuou a importância do mundo e dos objetos internos, mas jamais negou a importância do objeto externo. Com todos os percalços que nós enfrentamos nessa análise, ela pôde me perceber e me aceitar como um ser real, nem ideal nem monstruoso. Suponho que introjetou um objeto bom o bastante para suportar minhas falhas e limitações, de tal forma que deu um passo para elaborar e reparar vínculos importantes em sua vida.

Penso que isso foi decisivo para ela confrontar o que se poderia chamar de seu mito pessoal, noção que me vinha à mente com frequência. Tema obscuro e ainda a ser mais bem pesquisado, mito pessoal equivale a uma narrativa inconsciente que se torna uma verdade com valor determinante para a vida do sujeito. Nasce de fantasias precoces, inconscientemente saturadas de emoções não processadas que podem

encontrar expressão em uma experiência real. Essa experiência pode ser transformada numa cena ou numa construção mental que passa a dar o tom pelo qual o indivíduo se orienta na vida, sem que seja acessível à mente consciente. Contém elementos com valor explicativo, que dão sentido e determinam a dinâmica dos relacionamentos. Nesse sentido, o mito pessoal tem um caráter preditivo, ainda que não consciente, sendo inadvertidamente tirânico, pois congela o indivíduo na verdade que ele encerra. Sendo assim, a identificação e descrição de um mito pessoal requerem uma investigação da vida psíquica daquele indivíduo na qual o mito se constituiu. Libertar-se da força da sua influência pressupõe a elaboração de nova ou de sempre novas narrativas a serem contestadas, confrontadas e reformuladas. Portanto, a aprendizagem com a experiência – aquela na qual se aprende sobre si mesmo – é decisiva.

Bion (1989) trata o mito pessoal como equivalente ao mito de Édipo. Se bem o entendo, ele o considera como aquilo que capacita o paciente a compreender o relacionamento com os pais. O impacto de experiências traumáticas dificulta a investigação de como esse relacionamento se dá e de como ajustar-se a ele. Gullestad (1995) escreve um belo artigo sobre esse tema, mas trata o mito pessoal como constituído pelos mesmos elementos heroicos dos mitos de um povo. Ao mesmo tempo, ela assinala como por meio do mito pessoal se instalam tanto o medo como o desejo de ser o centro do afeto dos pais.

Penso que Jane constituiu o equivalente a um incipiente mito pessoal nos primórdios de sua existência, que talvez tenha se consolidado posteriormente. Parece que tudo se desorientou quando levou a surra. Aquela experiência a marcou de tal forma que sua vida afetiva se calcou nela, e seu destino era não só que aquilo se reproduzisse, como também explicava todos os seus temores. O ressentimento mesclado com a mágoa que aquela experiência instalou em sua psique contribuíram para que confirmasse uma excruciante insegurança em relação a ser digna de amor, com as previsíveis consequências em sua autoestima. A reaproximação com os pais foi um passo possível quando as influências do que teria se calcado em seu mito pessoal começaram a se diluir e a perder força. Concomitantemente, abriu-se espaço mental suficiente para dar início a um notável processo de reparação.

Reparação, como todos os conceitos psicanalíticos, nasceu da experiência vivida e pensada. Consiste em um sofisticado movimento mental, de caráter interno, cujos efeitos podem se estender para atos concretos. Klein define reparação paulatinamente em sua obra, com plena definição em 1940. Para ela, reparação está ligada à elaboração do luto tanto da perda de ilusões alimentadas na vida psíquica quanto de perdas concretas no cotidiano. Está ligada à reconstituição do objeto interno danificado, sendo parte integrante e inalienável da dinâmica da posição depressiva. Esta pressupõe plena integração, ainda que não fixa ou definitiva, dos diferentes aspectos do ego e do objeto internalizado, de tal forma que o indivíduo se assume implicado na qualidade de seus relacionamentos. Dor e sentimento de culpa, uma vez suportados, promovem a elaboração e transformação da própria destrutividade e a necessidade de sanar seus

efeitos, os quais se expressam em ativos movimentos mentais. Constitui-se, assim, a experiência emocional denominada “bom objeto interno”, de amplo e decisivo alcance.

Um elemento fundamental que se associa à reparação é a responsabilidade ou o senso de responsabilidade para com o objeto danificado, interno ou externo. No entanto, a responsabilidade pode ser pensada para além do luto, como uma capacidade inerente à vida adulta. É onde ela cabe, como um elemento da mente que a reconhece como necessária de modo natural. Talvez poucos de nós cheguemos a esse ponto.

Vejo a análise de Jane como uma experiência em que a dinâmica transferênciacontratransferência esteve no centro durante todo o processo. Aparentemente ela conseguiu usar a relação comigo para abrir caminhos antes fechados e viver um processo transformador. Olhando retrospectivamente, reconheço que pouco interpretei com palavras as reações dela; mais do que falar a respeito, sinto ter vivido com ela essa dinâmica, na melhor das hipóteses, com razoável consciência do que se passava. E eu aprendi muito com ela. Fica evidente que análise é interação e desenvolvimento mútuo.

Eu me referi mais de uma vez à restauração de equilíbrio, mas não me sentia ansiosa. Sentia urgência, mas não pressa. Por incrível que pareça, eu conseguia pensar quase como quem está à beira de um precipício e precisa cuidar do próximo passo sem ser afoito, pois do contrário adviria um desastre. Seria essa ainda uma condição mental para o que se caracteriza como capacidade negativa?

Se tomarmos a primeira definição de transferência como repetição do passado (Freud, 1912/1969a), Jane tinha convicções fatídicas a seu próprio respeito, e a repetição pode ter sido um meio tanto de confirmá-las quanto de contestá-las. Só assim poderia reelaborar e reorganizar os efeitos de seus desastres mentais. Quando isso acontece, na melhor das hipóteses, um dia o analisando encerra o trabalho com o analista, retém o valor da experiência com gratidão e vai viver, ou melhor, continuar a viver sua vida. A pessoa do analista – não a análise – fica para trás. E esse é o melhor resultado a que se pode chegar.

Um dia, e com certa angústia, Jane perguntou se eu achava que ela deveria ficar em análise pelo resto da vida. Abrimos a conversa, e ela falou do temor de que eu quisesse que ela ficasse para sempre, pois queria parar um dia. Ao ficar claro que eu achava que um dia ela devia ir embora mesmo e até me esquecer; que eu via a análise como um processo possível para a vida, e não uma imposição ou obrigação; que se eu pudesse desejar alguma coisa, gostaria que ela se sentisse segura para ir embora, ela manifestou grande alívio. Continuou comigo ainda por pouco mais de um ano e, com um mês de antecedência, anunciou que pretendia encerrar. Na última sessão, deu-me um abraço longo, forte e comovido. E, depois de me encontrar religiosamente três vezes por semana durante cerca de 11 anos, Jane encerrou a análise.

El proceso de la reparación en la dinámica de la transferencia-contratransferencia

Resumen: El presente trabajo contiene el relato clínico de un análisis en el que ha predominado el desarrollo del proceso de reparación y que ha sido intensamente vivido por el par analítico en el ámbito de la transferencia. La elaboración de los conflictos y los desencuentros entre analista y paciente ha permitido realizar un ajuste emocional del par analítico de manera tal que se creó un vínculo de confianza suficiente y necesario como para profundizar el análisis. Además de eso, el trabajo presenta algunas reflexiones teóricas y también hipótesis, entre las cuales se menciona la del mito personal.

Palabras clave: reparación, elaboración, mito personal, psicoanálisis, transferencia-contratransferencia

The process of reparation regarding the transference-countertransference dynamics

Abstract: This paper consists of a case report for an analysis in which the prevailing aspect was the development of a reparation process, deeply experienced by both the patient and the therapist in respect to transference. The elaboration of conflicts and misunderstandings between therapist and patient allowed for the pair to make an emotional adjustment, creating a trusting bond which was necessary and enough to deepen the analysis. The study includes theoretical reflections and some hypotheses, such as the personal mythology hypothesis.

Keywords: reparation, elaboration, personal mythology, psychoanalysis, transference-countertransference

Referências

- Bion, W. R. (1989). *Elements of psychoanalysis*. Karnac.
- Bion, W. R. (2000a). *Cogitações* (E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trads.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2000b). Reverência e temor reverencial. In *Cogitações* (E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trads.; pp. 292-300). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- De Cicco, M. F., & Migliavacca, E. M. (2016). Ouvir com os olhos, falar com o corpo: considerações sobre a escuta e a técnica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50(2), 108-121.
- Freud, S. (1969a). A dinâmica da transferência. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad.; Vol. 12, pp. 133-148). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

- Freud, S. (1969b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad.; pp. 147-162). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Gullestad, S. E. (1995). The personal myth as a clinical concept. *International Journal of Psycho-Analysis*, 76(6), 1155-1166.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (A. Cardoso, Trad.; pp. 17-43). Imago. (Trabalho original publicado em 1946)
- Klein, M. (1996). O luto e sua relação com os estados maniaco-depressivos. In *Amor, ódio e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (A. Cardoso, Trad.; pp. 385-412). Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Money-Kyrle, R. (1996). Contratransferência normal e alguns de seus desvios. In *Obra selecionada de Roger Money-Kyrle* (E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trads.; pp. 348-360). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1978)
- Winnicott, D. W. (1978). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (J. Russo, Trad.; pp. 459-482). Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1954)

Eva Maria Migliavacca

Endereço: Rua Joaquim Antunes, 767, cjto. 51, Pinheiros. São Paulo/SP.

CEP: 05415-012

Tel.: (11) 99962-7141

E-mail: evamigliavacca@gmail.com